

UNIDADE 3

OFERTA E DEMANDA AGREGADAS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM

Ao finalizar esta Unidade você deverá ser capaz de:

- ▶ Discutir detalhadamente a oferta e a demanda agregadas e seus condicionantes;
- ▶ Identificar as formas das curvas de oferta e demanda agregadas; e
- ▶ Analisar graficamente como é possível expressar os choques positivos e os negativos de oferta e de demanda.



INTRODUÇÃO

Caro estudante,

Vamos dar continuidade ao nosso estudo conversando sobre oferta e demanda agregadas e os seus condicionantes. É importante destacarmos que a Macroeconomia, por definição, é o estudo em escala global de fatos da economia. O seu principal instrumento de análise é a interação das curvas de oferta e demanda agregadas.

Como na maior parte das vezes analisamos a economia em equilíbrio ou na busca deste, podemos tomar a demanda agregada como sendo igual à oferta agregada. No entanto, cada uma destas partes vai ser constituída de elementos diferentes e influenciada também por variáveis diferentes. Agora que você já teve uma prévia do que será tratado nesta Unidade, mãos à obra e bons estudos!

OFERTA AGREGADA

A oferta agregada envolve a quantidade de bens ou serviços produzidos no mercado por um determinado período de tempo.

UMA DISCUSSÃO SOBRE CURTO E LONGO PRAZO

A perspectiva temporal vai ser importante ao longo das nossas discussões principalmente a distinção entre a oferta no curto e no longo prazo. Para efeitos de definição, é importante reforçarmos estas questões de perspectiva temporal com mais dois conceitos vistos anteriormente.

O primeiro deles é o curtíssimo prazo, ou seja, aquele prazo que envolve as rodadas de negociação entre os agentes econômicos em uma perspectiva Microeconômica. É o caso, por exemplo, de uma organização que coloca seus produtos no mercado, realiza as vendas, verifica que a rentabilidade é boa e volta ao mercado dos fatores de produção para empregá-los em um novo ciclo produtivo.

O segundo deles é o longuíssimo prazo que correspondente ao desenvolvimento econômico de uma nação, sendo medido em prazos correspondentes às gerações de seres humanos (30 em 30 anos) ou em prazos de maturação de novas tecnologias (por exemplo, o prazo que levou para que o vapor se consolidasse como fonte de energia, as ferrovias como meio de transporte ou os computadores como meio de comunicação). Entre estes dois conceitos permeia a definição de curto e longo prazo.

O curto prazo é algo que vai de seis meses a dois ou três anos e é caracterizado por modificações importantes em apenas uma das variáveis em consideração, permanecendo as demais constantes. O longo prazo envolve todas as variáveis que podem ser modificadas, no entanto, resguardando a mesma base tecnológica e institucional da sociedade. Este longo prazo compreende um período entre três e dez anos.

Uma característica do longo prazo é que ele tem um produto total claro e definido da sociedade. É o produto potencial da economia, ou seu produto natural, ou, ainda, o produto de longo prazo.

Este produto potencial é a capacidade que a economia tem de produzir bens e serviços estando todos os seus recursos plenamente empregados. Não se exige que estes recursos estejam eficientemente empregados (esta busca de melhoria da eficiência pode ser objeto de esforços de desenvolvimento econômico, a longuíssimo prazo).

Na falta de uma melhor definição, podemos afirmar que o produto potencial é o que a sociedade faz, na média, no longo prazo: é uma linha de tendência dos melhores momentos da economia mostrando o que pode ser alcançado, é uma média dos momentos da economia em que se acredita que todos os recursos estão sendo empregados, ou finalmente, é uma simulação matemática mostrando o que seria possível de ser produzido se todos os recursos estivessem sendo empregados.

Esta dificuldade que encontramos para definir o produto potencial prende-se ao fato de que o produto no longo prazo não pode ser verdadeiramente observado por estar no longo prazo, ou seja, estar no futuro. Sabemos que ele existe e que tem sofrido ampliações substanciais ao longo do caminho do desenvolvimento econômico, para a maioria dos países. Exceto para alguns países africanos, o produto potencial cresce e muda de magnitude (dobra, triplica) ao longo das décadas. Este crescimento em termos de magnitude desperta pouco interesse na busca de definição para as

Não cabe e não é possível buscarmos valores precisos para o produto de longo prazo.

pequenas discrepâncias em relação ao produto potencial que uma avaliação ou outra possa gerar ao tentarmos defini-lo.

Já a inter-relação entre o produto de curto prazo e o de longo prazo é mais fácil de ser explicada. O produto de curto prazo vai ao longo do tempo oscilando em torno do produto potencial de longo prazo. Pode também oscilar somente abaixo ou acima deste produto potencial. Claro que desta forma é um pouco mais difícil de realizarmos a interpretação para o inter-relacionamento entre o produto de longo e o de curto prazo: afinal, que situação seria esta em que no dia a dia o produto está sempre abaixo ou acima daquilo que a sociedade é capaz de produzir? É mais fácil imaginarmos que o produto potencial é uma linha média dentro do ciclo de flutuações do produto de curto prazo.

Que produto potencial seria este que nunca ocorre? Você saberia identificá-lo?

O produto de curto prazo pode permanecer durante longos períodos muito próximo ao produto potencial, o que configuraria uma situação ideal na economia. Quando ele fica abaixo do produto natural caracteriza uma situação de desperdício do aproveitamento de recursos produtivos. A mão de obra, o capital e a capacidade gerencial estão presentes na sociedade, foram constituídos anteriormente, mas ficam desempregados, sem produzir uma contribuição a mais de produto. Se a produção de curto prazo está acima do produto natural, isto significa que os recursos estão sendo empregados em excesso em relação aos seus padrões normais de emprego, requerendo assim que sejam remunerados também de forma mais significativa.

Ademais, como estão trabalhando além de sua taxa natural, é razoável supormos que este esforço a mais possa durar apenas por breves intervalos de tempo, como ocorre, por exemplo, em um esforço de guerra. A Figura 2, que contém vários gráficos, ilustra uma série de situações hipotéticas possíveis. No eixo das abscissas

temos o tempo e nas ordenadas temos o Produto da Economia, em todos os gráficos.

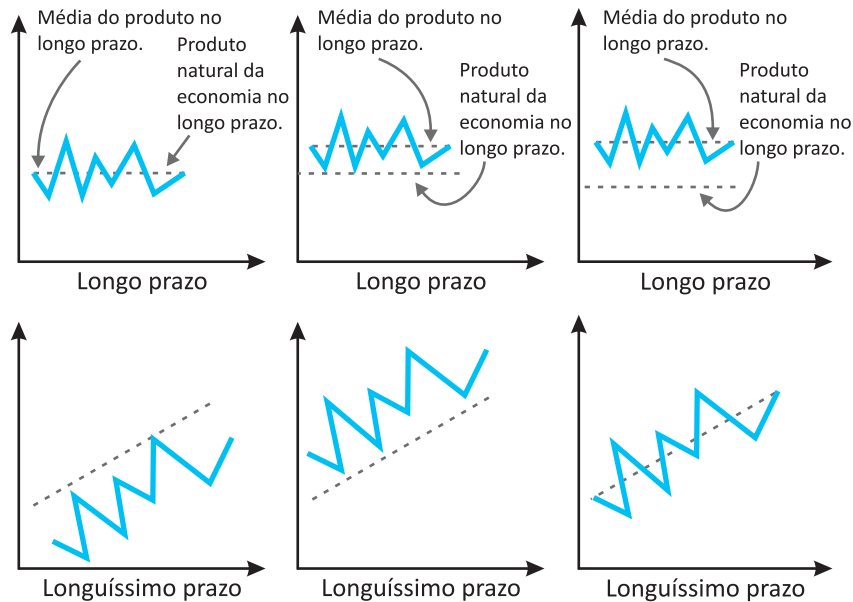


Figura 2: Diferentes interpretações para o produto de longo e longuíssimo prazo
 Fonte: Elaborada pelo autor

FORMATOS DAS CURVAS DE OFERTA

A curva de oferta relaciona o preço e a quantidade oferecida de determinado bem ou serviço. No longo prazo a curva de oferta agregada é vertical e no curto prazo ela possui inclinação positiva.

Oscilações no produto

As análises, a seguir, utilizam fundamentalmente elementos gráficos. Geralmente as curvas de oferta e depois de demanda são espaçadas umas em relação às outras para podermos demonstrar didaticamente as suas interações. No entanto, precisamos avaliar

quais as discrepâncias possíveis entre o produto de longo prazo (produto potencial = produto natural) e o produto de curto prazo. Normalmente, o produto de curto prazo (de ano para ano) oscila tipicamente em uma faixa de -1% a $+10\%$ em torno de um crescimento de longo prazo que cresce a uma taxa de $+2\%$ a $+7\%$ ao ano.

Aqui entendida como pequena importância.

As oscilações, de modo geral, são de **pequena monta**, na faixa de $\pm 3\%$ em relação ao crescimento do produto natural. Esta faixa pode ser calculada grosseiramente da seguinte forma: vamos supor que a economia decresça 1% em relação a uma linha de tendência de baixo crescimento econômico de 2% no longo prazo. Teremos uma perda de 3% em relação ao que se poderia esperar como patamar mínimo de crescimento. Olhando para o outro extremo, a economia poderia crescer no curto prazo a uma taxa de 10% . Tomamos como hipótese, neste caso, que a economia venha crescendo a uma taxa de 7% em termos de tendência no longo prazo, o que caracteriza um crescimento a mais do que o esperado de 3% .

Estas oscilações são de pequena monta para serem percebidas graficamente. Logo, para efeitos didáticos, encontraremos os gráficos de oscilação do produto de tamanhos exagerados quando a proposta for a de fazermos a análise conjunta no curto e no longo prazo. Exceções a estas oscilações relativamente pequenas são, por exemplo, a Grande Depressão de 1929 nos Estados Unidos, a recuperação americana durante a Segunda Guerra Mundial e a recente crise na Argentina de 1998 a 2002. Nestes casos, os descolamentos do produto de curto prazo e longo prazo foram bem maiores, algo em torno de $10\text{--}30\%$.

A Figura 3 mostra no eixo das abscissas o tempo e no eixo das ordenadas o produto de curto prazo ziguezagueando em torno do produto de longo prazo.

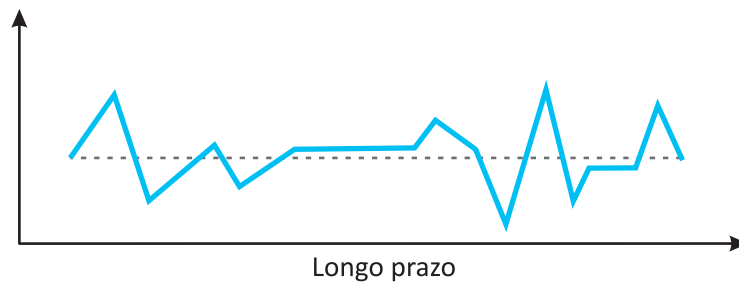



Figura 3: Comportamento do produto no longo prazo
Fonte: Elaborada pelo autor

Tendo colocado em termos relativos o produto de curto prazo e o produto de longo prazo, vamos analisar as razões de seus crescimentos ou oscilações, ratificando que todos estes conceitos – produtividade, curva de possibilidade da produção e definição do produto de cada organização a partir do seu custo marginal – estudados até aqui já foram compreendidos em **disciplina anterior**. A partir desta revisão conceitual você vai poder fazer as ligações entre a lógica de oscilação do produto no curto e no longo prazo. Vejamos:

- ▶ O produto de longo prazo é considerado fixo no momento específico de longo prazo em que ele está sendo avaliado. É fruto dos avanços tecnológicos, da capacidade gerencial e institucional, da disponibilidade de capital e de mão de obra característicos daquele momento. Estes mesmos fatores vêm durante o longuíssimo prazo determinando o crescimento do produto natural. Para fins de análise, congelamos este produto em um momento deste longuíssimo prazo.
- ▶ No curto prazo o produto é função do nível geral de preços. Vimos na Microeconomia que os produtores são incentivados a produzir mais à medida que os preços para seus produtos específicos são mais elevados. De maneira mais precisa, para a Microeconomia a curva de oferta é igual à curva de

Lembre-se de que vimos estes assuntos na disciplina de *Introdução à Economia*. Em caso de dúvida retome a leitura desta disciplina.



Veremos com maiores detalhes esta situação na Unidade 5.

custo marginal para cada organização. Sempre interessa a esta produzir mais enquanto o preço arrecadado por unidade a mais vendida (a receita marginal) for superior ao custo marginal (o custo de produzir uma unidade a mais). Este **preço superior** pode ser ilusório, ou seja, os produtores podem ser motivados a produzir a mais por uma subida inflacionária de preços desde que tenham a ilusão de poder controlar a subida dos custos de seus insumos de produção.

Quando estamos na Macroeconomia precisamos agregar todos os produtos individuais fornecidos pelos fabricantes e prestadores de serviços em uma grande cesta. A esta grande cesta, que contém tudo que é produzido em uma determinada sociedade em um período de tempo, damos o nome de **produto agregado**, quer estejamos falando do curto ou do longo prazo. Por outro lado, o valor global desta cesta, ou seja, quanto estes produtos valem em termos de preços de mercado é chamado de **nível geral de preços**.

É importante considerarmos que este nível geral de preços é obtido por convenção. Imagine duas sociedades que se desenvolveram isoladas, com seus hábitos, costumes e culturas totalmente diferentes. Cada uma delas criou uma moeda para fazer funcionar seus mercados e fez com que seus produtos tivessem preços próprios e que fossem desenvolvidos de forma independente ao longo do tempo. Se as duas sociedades produzissem a mesma quantidade de produtos, estes poderiam ter níveis gerais de preços completamente diferentes. Da mesma forma, imagine que um governante resolva modificar a moeda em circulação em um destes países, por exemplo, cortando três zeros em cada preço. Aquilo que custava 1.000 unidades monetárias passa a custar 1 unidade monetária. O nível geral de preços desta sociedade seria reduzido, sem que nada físico ou real tivesse acontecido à cesta de bens e serviços produzidos pela sociedade.

Apesar deste aspecto de convenção, o nível geral de preço pode influenciar no curto prazo o produto de uma sociedade.

O produto de curto prazo pode aumentar em função do nível geral de preços. Para um dado nível geral de preços, cada produtor pode aumentar a sua produção enquanto seus custos marginais forem menores do que a receita marginal. Podem ser analisadas três condições particulares. Vejamos:

- ▶ Se os custos de produção são fixos no curto prazo, ou seja, se não há flexibilidade no preço tanto de mercadorias prontas quanto de seus insumos, os produtores passam a produzir cada vez mais até chegarem ao limite de sua capacidade produtiva (ou enquanto houver demanda). Isto poderia ocorrer porque os produtores estariam produzindo a um determinado nível para uma determinada margem de lucro sobre cada produto fabricado. Se os custos no curto prazo são fixos, este mesmo lucro continuaria sendo auferido para quantidades produzidas maiores. Podemos dizer assim que mesmo para um nível geral constante de preços as quantidades produzidas são maiores (havendo demanda). Isto é representado por um trecho em linha reta, horizontal, da curva de oferta no curto prazo. Com mais razão, se o nível de preços estiver aumentando, o produto também cresce enquanto houver demanda.
- ▶ Se todos os produtores já estiverem produzindo à plena capacidade, não sendo mais possível aumentá-la, ou seja, dado o número de trabalhadores existentes, as máquinas, a capacidade gerencial, os horários de trabalho, a organização da produção e o esforço nela empregado não será possível, conseqüentemente, produzir nada a mais. Deixaremos para analisar um pouco mais tarde a possibilidade destes condicionantes mudarem, por exemplo, se os horários estendidos ou um esforço maior dedicado a produção puderem resultar em maiores quantidades produzidas. Por enquanto é importante aceitarmos que existe um limite

para a quantidade produzida, limite este dado pelo produto natural. Nesta segunda condição, um nível geral de preços maior não determina um produto maior.

- ▶ A terceira situação é determinada quando os fatores de produção têm seus custos relativamente flexibilizados com o aumento de produção. Para um nível maior de produção os detentores de recursos, como capital, mão de obra e capacidade gerencial cobram um pouco a mais para colocar estes fatores à disposição da sociedade. Isto pode ocorrer tanto para o conjunto de organizações produtoras que sofrem o mesmo problema de aumento dos preços dos seus insumos quanto se somente algumas tivessem seus custos de produção fixados ao longo do tempo enquanto outras assistem a sua flexibilização, ou seja, seu aumento com a quantidade produzida. Neste caso, na média entre as organizações que têm seus custos fixos e aquelas que têm seus custos flexíveis, para que haja uma quantidade maior produzida, será preciso um aumento do nível geral de preços para incentivar mais a produção. Embora os preços subam, os custos também sobem, fazendo com que cada produto ainda traga uma margem de lucro incentivando o produtor a fabricar mais. Isto tem um limite no produto natural, ou seja, não é possível produzir mais do que a sociedade é normalmente (naturalmente) capaz de produzir, qualquer que seja o nível geral de preços.

Esta última situação gera um trecho inclinado da curva de oferta, o que se aproxima da representação usual que se faz em Microeconomia. O fato de introduzimos dois trechos nesta curva, um horizontal e um vertical, mostra que, apesar de precisarmos raciocinar como economistas, interligando os conceitos de micro e macroeconomia, podemos perceber a existência de diferenças conceituais entre estas duas abordagens.

Você acredita que exista um conjunto de ferramentas específicas para a Microeconomia e outro para Microeconomia?

Não se sinta tolhido em sua forma de raciocinar. A moderna economia caminha mais e mais para a integração destes conceitos. Cabe somente a nós tentarmos entender as sutis diferenças que existem, ou, na pior das hipóteses, acreditarmos que a forma de representação das curvas de oferta no curto prazo para a economia seja assim, porque esta é a melhor forma que os técnicos da área econômica encontraram para prosseguir em suas explicações didáticas sobre o funcionamento da sociedade.

Um formato definitivo para as curvas de oferta

Existem várias formas de curvas de oferta no curto prazo que são possíveis a partir da discussão que fizemos até agora. No eixo das abscissas encontramos sempre o produto e no eixo das ordenadas o Nível Geral de Preços. Observe a Figura 4 a seguir.

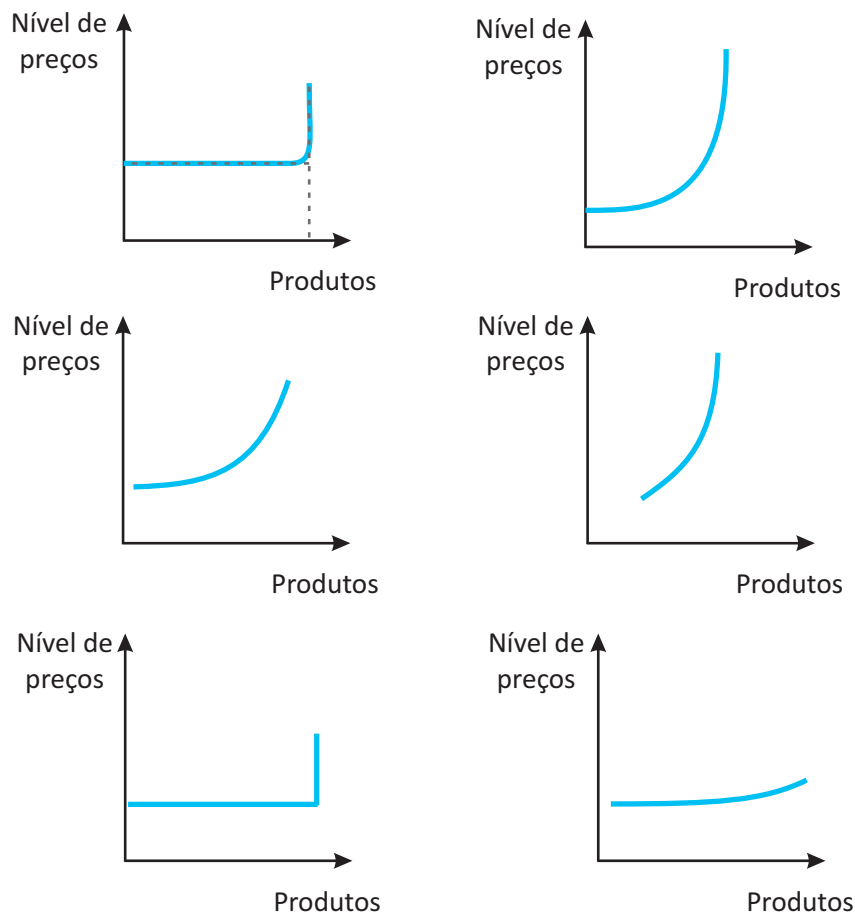


Figura 4: Diferentes formas da curva de oferta no curto prazo
 Fonte: Elaborada pelo autor

Observe que o produto, colocado no eixo das abscissas, varia dentro do pequeno intervalo proposto anteriormente, cerca de mais ou menos 3% em relação ao produto natural no longo prazo. Na representação anterior o produto no longo prazo está sempre limitado à direita pelo produto natural: note que as curvas têm um trecho vertical neste ponto ou sua curvatura se acentua em direção ao infinito na região em torno deste ponto de produto máximo.

Para entendermos como o produto pode oscilar em torno do produto natural e, principalmente, como eventualmente no curto prazo podemos ter uma produção maior do que o máximo possível, precisamos examinar outra construção teórica dos economistas,

ou seja, o deslocamento das curvas de oferta no curto prazo. Veja que se ocorrer inclinação na curva de oferta, esta inclinação poderá ser fraca ou forte respectivamente as chamadas curvas planas ou de declividade acentuada. Isto dependendo dos pressupostos tomados para a rigidez ou flexibilidade dos preços dos insumos de produção.

Cabe lembrarmos que estamos tentando construir o formato das curvas a partir de reflexões teóricas. Poderíamos encontrar na prática exemplos de curvas com maior ou menor declividade consultando a história econômica de vários países. Melhor ainda, para simplificarmos tudo poderíamos adotar uma inclinação para a curva de oferta no curto prazo e prosseguirmos nossos raciocínios macroeconômicos a partir da pressuposição do formato desta curva.

DESLOCAMENTOS E MOVIMENTAÇÕES AO LONGO DA CURVA DE OFERTA

Antes de prosseguirmos com as nossas reflexões sobre a forma da curva de oferta no curto prazo, é preciso lembrarmos que a produção prazo varia constantemente se utilizarmos uma perspectiva de tempo menor. Logo, no curtíssimo prazo o produto também varia.

Imagine os próprios meses do ano, cada um com suas características de número de dias úteis, clima e ânimo dos funcionários. Imagine ainda que os funcionários podem ser convocados a realizarem horas extras, de maneira temporária. Tudo isto faz com que o produto varie e que varie até com uma oscilação que é maior do que a que normalmente encontramos no produto no curto prazo em relação ao produto no longo prazo. Chamamos a isto de **sazonalidade***.

Estes fatores são tão conhecidos como o número de dias trabalhados por mês, que podemos corrigir a produção para um número médio, ou seja, podemos trabalhar com um produto dessazonalizado. Este é o caso das análises que estamos fazendo.

***Sazonalidade** – flutuações cíclicas da produção em função de fatores que se repetem de maneira conhecida e praticamente constante, esperada ao longo do tempo. Fonte: Elaborado pelo autor.

Não nos preocupamos com as flutuações no curtíssimo prazo e trabalhamos com um produto corrigido ou médio ao longo do período de curto prazo.

Deslocamentos da curva de oferta

A curva de oferta de produto no curto prazo pode ser deslocada tanto para cima como para baixo. Para um dado nível de preços podemos produzir mais deslocando a curva de oferta para baixo e para a direita se, por exemplo, os insumos se tornarem circunstancialmente mais baratos ou se houver um aumento de produtividade causado por aspectos motivacionais no curto prazo.

Salientamos estas modificações no curto prazo porque por definição o produto natural, no longo prazo, não pode ser modificado a não ser pelos grandes impactos tecnológicos e gerenciais que determinam o crescimento econômico. Por exemplo, um clima de euforia que faz as pessoas trabalharem mais pode deslocar a curva de oferta no curto prazo, mas não no longo prazo, já que este clima não perdura para sempre.

Novamente, afastamos o raciocínio de deslocamentos da curva de oferta no longo prazo, o que ocorre então são deslocamentos no longuíssimo prazo, ou seja, ao longo do desenvolvimento econômico. No longo prazo o produto é fixo. A Figura 5 apresenta alguns deslocamentos da curva de oferta, para o caso em que os fatores de produção se tornaram circunstancialmente mais baratos.

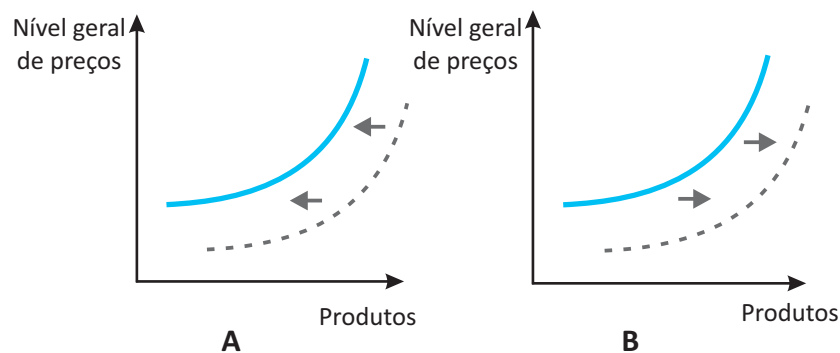


Figura 5: Deslocamentos da curva de oferta no curto prazo
Fonte: Elaborada pelo autor

Observe que no gráfico A a curva se deslocou para baixo e para a direita, aumentando a produção e reduzindo os preços. No eixo das abscissas está o produto e no eixo das ordenadas o nível geral de preços. Já no gráfico B o processo foi invertido.

Vamos avaliar agora se você está entendendo o raciocínio. Qual a possível explicação para o deslocamento invertido sofrido pela curva de oferta apresentado no gráfico B da Figura 5?

Uma explicação viável sobre o que poderia ter ocorrido neste caso é que as curvas de oferta podem se deslocar para cima em função do aumento dos custos de produção. Para um dado nível de preços os custos de produção são maiores, havendo uma menor margem de lucro e um menor incentivo para que os produtores dediquem-se ao esforço de produção.

Os exemplos são muitos: o aumento de custos devido às novas leis sociais que onerem o custo do trabalho, as leis de proteção ambiental que dificultem a produção, a pressão dos sindicatos pela redução da jornada de trabalho, o aumento de custos das matérias-primas pelos fornecedores e quedas repentinas na produção de insumos, como as causadas por secas, greves, inundações e acordos entre os fornecedores para reduzirem a produção. Veja a Figura 6.

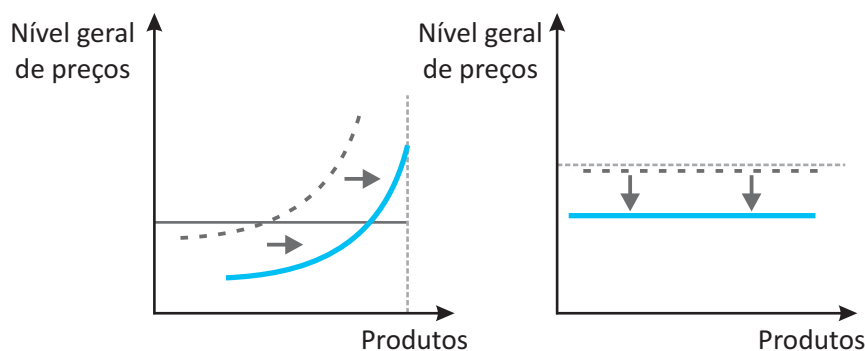


Figura 6: Alguns deslocamentos da curva de oferta no curto prazo
Fonte: Elaborada pelo autor

*Exógeno – é devido a causas externas, que provém do exterior. Fonte: Elaborado pelo autor.

Observe que é mais fácil exemplificarmos o deslocamento por meio de uma curva de oferta ascendente. Se estivéssemos no trecho horizontal da curva de oferta precisaríamos superpor duas curvas horizontais, antes e depois do deslocamento, sempre com o mesmo nível geral de preços que é fixo neste trecho. É como se a nova curva de oferta deslizesse para a direita. Neste nosso exemplo ilustramos o fenômeno fazendo com que o trecho horizontal da curva de oferta fosse desenhada como uma paralela, logo abaixo (ou acima) da reta horizontal original. Lembramos que o nível geral de preços é obtido de maneira arbitrária, dependendo da moeda utilizada e do valor relativo dos bens. Dizemos que este nível geral de preços é **exógeno*** a nossa análise, ou seja, ele é dado, vem de fora, não faz parte do raciocínio que está sendo estabelecido a partir da construção das curvas de oferta. Não tem sentido desenharmos curvas horizontais situadas em níveis gerais de preços mais elevados ou mais baixos, porque, por definição, estes valores são dados.

No entanto, sofisticando um pouco mais o raciocínio, podemos fazer uma interpretação sobre como estes níveis gerais de preços podem ser alterados. Estamos criando a hipótese de que alguns insumos de produção, como custos de fatores de produção, foram alterados para mais ou para menos. Não há nada particular nestes fatores de produção para que somente eles tenham tido seus preços alterados. O que deve estar ocorrendo é uma modificação do nível geral de preços, incluindo não só aqueles preços que governam todos os fatores de produção, mas o próprio valor que todos os bens e serviços alcançam nos mercados em que são vendidos.

A Macroeconomia permite alguns raciocínios que enaltecem a nossa capacidade intelectual como administradores públicos.

Movimentações ao longo da curva de oferta

Existem deslocamentos ao longo de uma curva específica de oferta que ocorrem pelo interesse dos produtores em produzir mais em função da obtenção de lucros, até que se atinja o produto natural.

Os deslocamentos ao longo da curva de oferta estão presos única e exclusivamente ao aumento de lucros propiciado por uma quantidade produzida maior ao longo do trecho horizontal da curva. Sobre o trecho horizontal, temos assinalados três pontos alcançados pelo produto à medida que aumenta a oferta na economia sem que haja o aumento de preços. Logo, quando chegado na parte vertical, todo o aumento de preço é repassado aos detentores dos fatores de produção, sem que haja o aumento de produção. A Figura 7 ilustra esta situação.

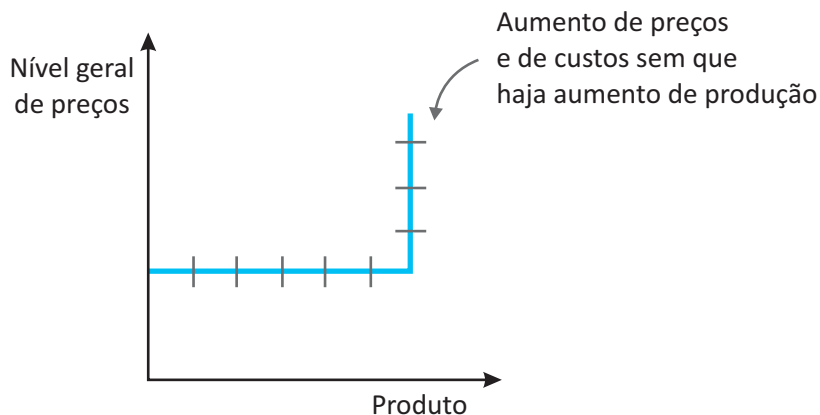


Figura 7: Aumento de preços e de custos sem que haja aumento do produto ao longo de uma curva de oferta de curto prazo

Fonte: Elaborada pelo autor

Para o bom entendimento da situação representada, é importante lembrarmos que no eixo das ordenadas temos o nível geral de preços e no eixo das abscissas temos o produto.

A CURVA DE OFERTA NO CURTO PRAZO NO ENTORNO DA CURVA DE PRODUTO POTENCIAL NO LONGO PRAZO

As movimentações ao longo da curva de oferta existem à medida que os produtores acreditam que possam ter maiores lucros produzindo mais, confrontando os preços de venda e os custos de produção. Uma curva de oferta usual, ou seja, permanentemente ascendente, sem os trechos horizontais e verticais, pode chegar a produzir mais do que o produto natural à medida que os preços a mais obtidos pelos bens e serviços vendidos não precisem imediatamente ser repassados para os detentores dos fatores de produção que estão com a sua capacidade esgotada.

Os deslocamentos das curvas de oferta existem na medida em que são modificadas as condições de produção (a facilidade ou dificuldade de recrutarmos e colocarmos em operação os recursos produtivos). Estes deslocamentos da curva de oferta no curto prazo podem redundar, momentaneamente, em quantidade de produto oferecida maior do que a quantidade no longo prazo ou do que a quantidade natural. Por não ser natural, esta quantidade a mais oferecida não se sustenta no longo prazo.

Observe que o raciocínio envolve certa sofisticação para tentarmos justificar como os deslocamentos e as movimentações ao longo da curva de oferta podem redundar em produto de curto prazo maior do que o produto potencial de longo prazo. Os economistas devem ter levado muito tempo para encontrarem explicações para dar sustentação a estas formas de curvas de oferta no curto e longo prazos, bem como para fazer a inter-relação entre elas.

Podemos simplificar a situação considerando que no longo prazo a curva de oferta é uma reta vertical, e no curto prazo a curva de oferta é ascendente! Ela deveria ser tipicamente desenhada buscando se aproximar da reta vertical de longo prazo; como sabemos que no

curto prazo a oferta pode superar o nível natural de produção, permitindo que ela ultrapasse levemente este ponto do eixo das abscissas.

Até este momento não nos preocupamos muito com a extensão das curvas no curto prazo, ou seja, qual a amplitude de produto e de nível geral de preços que estas curvas podem varrer. Sabemos, por exemplo, que em termos de produto, a extensão deve ser pequena, algo como mais ou menos 3% em volta do nível de produto no longo prazo, como desenhado na parte esquerda da Figura 8 colocada a seguir. No entanto, para fins didáticos, as curvas de oferta são desenhadas mostrando variações muito maiores à direita como mostra a Figura 8.

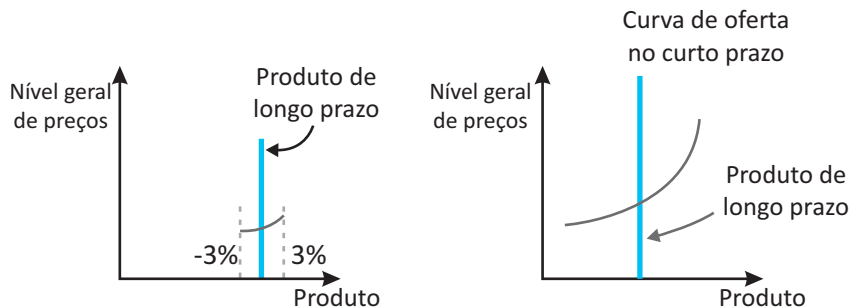


Figura 8: Duas situações da variação do produto em torno do produto de longo prazo: variações reais e variações utilizadas para fins didáticos
Fonte: Elaborada pelo autor

Feita esta interligação entre as curvas no curto e longo prazos e também com as considerações relativas às curvas no curtíssimo e longuíssimo prazo, vamos analisar o outro lado da moeda, ou seja, as curvas de demanda. Até agora não procuramos limitar a oferta em relação à existência de demanda, ou seja, não ficávamos lembrando que se não há demanda não tem sentido existir oferta. Raciocinávamos como na Lei de Say, ou seja, equacionada a oferta, a demanda é uma decorrência natural. Não é este o caso, a moderna economia considera que o seu grande determinante é a demanda agregada. Os instrumentos utilizados para podermos agir

sobre a demanda agregada são muito mais poderosos. As teorias que tentam estabelecer que o governo deve agir mais fortemente sobre a oferta do que sobre a demanda tem muito menos impacto e credibilidade no meio acadêmico.

Insistimos na lógica deste nosso curso de Administração Pública na qual os objetivos de sua formação como futuro gestor público estão ligados a melhorar o lado da oferta da economia. Ou seja, a proposta então é trabalharmos para deslocar a curva de oferta positivamente (para baixo e para a direita), ofertando mais por menos, tornando a sociedade mais eficiente.

Como cidadãos fazemos parte dos estudos sobre a demanda. Como gestores somos responsáveis pelo lado da oferta de bens e serviços públicos.

De acordo com a Lei de Say, a oferta cria a sua própria demanda. Assim, quando um produtor vende seu produto, o dinheiro que obtém com essa venda está sendo gasto com a mesma vontade da venda de seu produto, em síntese: a oferta de um produto sempre gera demanda por outros produtos.

DEMANDA AGREGADA

Sabemos pelos ensinamentos da Microeconomia que a demanda é determinada por fatores comportamentais dos seres humanos, buscando atender necessidades e com isto propiciar satisfação aos indivíduos. Em última instância, são as necessidades psicológicas dos indivíduos que determinam a posse e o consumo de bens, além das necessidades fisiológicas básicas dos seres humanos. Por isso não gostaríamos de lastrear aqui toda uma teoria de equilíbrio macroeconômica em condicionantes tão frágeis quanto os aspectos comportamentais dos seres humanos.

A demanda agregada é tudo aquilo que os agentes econômicos solicitam à sociedade para levarem aos seus lares, para as unidades produtoras, para o governo ou até mesmo para fora do país. Somamos, portanto, todos os tipos de bens e serviços de todos os mercados individuais. É como se pudéssemos reduzir todas as necessidades da sociedade e de seus agentes a um único bem, indistinto. Como sabemos, a economia e particularmente a Macroeconomia precisam fazer abstrações para tornarem seus raciocínios e modelos mais simplificados.

A demanda agregada é o grande motor da economia. É ela quem determina a oferta, é ela quem cria o impulso para o desenvolvimento econômico, por fim, é ela quem faz com que teoricamente possamos maximizar a utilidade (o bem-estar) de todos os seres humanos.

Assim, temos que a demanda agregada é tão importante para a condução da economia que poderíamos aceitar seus desvios como os arrolados anteriormente, envolvendo consumo supérfluo, obras desnecessárias e o uso da propaganda para emular o consumismo se isto vier a ativar a economia em momentos de recessão.


A CURVA DE DEMANDA

A demanda é também expressa por uma curva relacionando preços e quantidades ofertadas. O problema está em definirmos os preços, pois estamos falando de uma cesta imensa de produtos disponibilizados por uma sociedade em um espaço de tempo (o seu produto). Os preços devem refletir uma espécie de média ponderada dos valores que compõem esta cesta. Este preço médio ponderado é chamado de **nível geral de preços**.

Vimos que os preços das mercadorias e as moedas que os expressam são uma forma de convenção social, não têm um significado próprio. Logo, o valor absoluto dos preços não tem sentido, o sentido é dado pela comparação dos preços dos vários bens e serviços, ou seja, os preços relativos. Assim, o nível geral de preços também é uma convenção e pode assumir um valor qualquer, seja ele alto ou baixo, pois o que nos interessa são apenas as mudanças relativas deste nível geral de preços ao longo do tempo.

A curva da demanda agregada tem uma forma peculiar, inclinada de cima para baixo. No entanto, a explicação para o aumento da demanda com a diminuição dos preços, neste caso, o aumento da demanda ao longo de uma curva pela diminuição do nível geral de preços, é diferente.

Na Microeconomia este aumento de demanda é fácil e intuitivo. Para a maioria dos bens um preço menor faz com que este bem em particular seja preferido em relação a outras categorias de bens: um consumo maior dele significa uma retração do consumo de outros bens. Já para a Macroeconomia esta explicação não vale:



Esta curva lembra a curva de demanda para bens específicos que vimos na Microeconomia, dentro da disciplina *Introdução à Economia*.

para cada nível geral de preços estamos falando do total de bens consumidos, ou seja, não é possível que um bem seja substituído pelo outro. É mais fácil pensar que a Macroeconomia reduz todos os bens e serviços a um único, não havendo o que trocar ou o que substituir.

Mas você pode estar se perguntando: quais as razões para este formato descendente da curva?

A seguir, vamos utilizar o modelo de economia mais simples desconsiderando as relações com o exterior, ou seja, supondo que não existem exportações e importações, que não existem investimentos externos no país, em resumo, que não haja mercado de câmbio. Nestas circunstâncias existem duas razões para que o consumo aumente com a redução no nível geral de preços. São elas:

- ▶ **O efeito riqueza:** em um determinado momento as pessoas detêm certa quantidade de moeda, quantidade esta exógena e dada por razões históricas, constituída ao longo do tempo. A quantidade de moeda em circulação é dada, é o que é. Se o nível geral de preços baixar, as pessoas tendem a se tornarem mais ricas, ou seja, podem comprar uma quantidade maior de bens. Este fenômeno parece fazer mais sentido no curto prazo. Circunstancialmente ou instantaneamente as pessoas são surpreendidas com a mesma quantidade de dinheiro no bolso ou em depósitos bancários, elas podem comprar mais bens e serviços que agora têm preços menores. Talvez no longo prazo esta situação seja modificada, pois é fácil imaginarmos que seja necessária uma maior quantidade de moeda para que nos adequemos ao volume de bens transacionados. Deve haver então uma relação forte entre a quantidade de bens e serviços comercializados e a quantidade de moeda utilizada para lubrificar estas transações comerciais.

- ▶ **A taxa de juros:** se o nível geral de preços baixar, as pessoas vão perceber que não precisam manter tanta moeda em mãos para fazer as transações econômicas (se resolverem não gastar a mais em função do aumento de riqueza tratado no parágrafo anterior). Com isto, podem poupar a moeda que sobra, aplicando-a no mercado de títulos. Este excesso de moeda em relação à quantidade de títulos faz com que a taxa de juros se torne mais baixa. E, uma taxa de juros mais baixa permite que consumamos mais a partir do crediário e incentivemos os gastos com investimentos aumentando a quantidade de bens consumidos.

Veremos adiante como funcionam os mecanismos que fazem com que taxas de juros mais baixas possam potencialmente estar associadas à procura maior de bens e serviços, demandados para consumo ou para investimento. Este mecanismo parece varrer grande parte do espectro temporal das transações, ou seja, passa pelo curtíssimo prazo, pelo curto prazo e pelo longo prazo. As transações vão sendo feitas no curtíssimo prazo e a quantidade de moeda vai sobrando e sendo aplicada no mercado de títulos no curto prazo. Ao final de muitos ciclos de iteração terminamos tendo uma taxa de juros mais baixa no longo prazo.

Apesar dessa visão do processo de formação da taxa de juros ao longo do tempo, no estudo da demanda não precisamos fazer a distinção entre curto e curtíssimo, longo e longuíssimo prazos, como fizemos para o estudo da oferta.


Felizmente a modelagem das curvas de demanda é mais simples do que a modelagem das curvas de oferta. Ao longo do tempo, muitos fatores modificam a forma da curva de demanda,

mas sempre com o aspecto descendente, implicando que níveis gerais de preços menores estejam associados à maior demanda agregada. Assim, podemos afirmar que as curvas de demanda são mais maleáveis, mais fáceis de serem documentadas por meio de pesquisa de campo do que as curvas de oferta. Esta é mais uma das razões pelas quais as intervenções na economia são feitas antes pelo lado da demanda do que pelo lado da oferta.

Vimos na Unidade 2, que trata da Contabilidade Nacional, que uma parte significativa do desenvolvimento intelectual da Macroeconomia está ligada à avaliação da renda, da despesa e do produto de uma sociedade. A Contabilidade Nacional provê mecanismos para a avaliação de qualquer uma destas três variáveis, ou seja, quanto as pessoas recebem por cederem os recursos para produzir para a sociedade (renda), quanto gastam e investem (despesa) e quanto produzem (produto). Desta maneira, os dados estarão disponíveis para modelar tanto a demanda (despesa), a forma como as pessoas vão pagar por esta despesa (renda) e, afinal, o que elas vão consumir (produto-oferta).

Os dados da Contabilidade Nacional refletem aquilo que foi realmente praticado no período em análise: despesas, renda e produto que efetivamente ocorreram em um determinado período de tempo.

Ocorre que estamos falando de um conceito levemente diferente nesta Unidade sobre a oferta e a demanda agregadas. Aqui temos a oferta e a demanda planejadas, esperadas, que os agentes econômicos têm a expectativa de realizar no futuro. Reiterando, no caso da Contabilidade Nacional temos aquilo que ocorreu no passado, ou seja, a demanda e a oferta que realmente existiram em um certo período de tempo.



Guarde esta sutil diferença na memória, pois ela vai ser importante no futuro para fazermos os gráficos de equilíbrio entre a oferta e a demanda.

DESLOCAMENTOS DA CURVA DE DEMANDA E MOVIMENTOS AO LONGO DA CURVA DE DEMANDA

Tendo visto que a curva de demanda agregada é inclinada para baixo, precisamos distinguir dois movimentos que sempre estarão presentes em qualquer análise econômica. Um deles é o deslocamento da curva de demanda, ou seja, o desenho de várias curvas de demanda relativamente paralelas entre si. E outro é o movimento ao longo da curva de uma única curva de demanda.

Os movimentos ao longo da curva de demanda são função do nível geral de preços, como o efeito riqueza e a variação da taxa de juros. Enquanto que os deslocamentos da curva de demanda, ou seja, os desenhos de curvas para cima ou para baixo de uma curva inicial, estão ligados aos aspectos comportamentais e psicológicos que, como vimos, são os norteadores da demanda.

Mas será que estes aspectos comportamentais podem variar ao longo do tempo?

Exatamente. Podem variar sim. Um aumento no nível de confiança da economia faz com que a curva se desloque para a direita e para cima. Para qualquer nível geral de preços a demanda é maior, pois as pessoas (famílias) se mostram mais dispostas a comprar pelo clima de otimismo. O deslocamento das curvas de demanda também pode ser causado por um aumento de riqueza das pessoas. Se isto ocorrer, elas também passam a comprar mais.

Por outro lado, se estivermos pensando em demanda por bens de capital (máquinas, equipamento e prédios industriais) uma maior atividade econômica pode determinar a necessidade de ampliação das instalações industriais, fazendo também a curva de demanda agregada da sociedade deslocar-se para a direita e para cima. De forma contrária, um clima de pessimismo, uma diminuição da

riqueza ou a ociosidade das instalações fabris podem determinar uma diminuição da demanda agregada, ou seja, um deslocamento da curva para a esquerda e para baixo.

RESUMO DOS COMPONENTES DA DEMANDA

Vimos no diagrama circular da economia – apresentado tanto na disciplina *Introdução à Economia*, como na Unidade anterior sobre a Contabilidade Nacional – que os bens eram produzidos pelos agentes econômicos e consumidos pelas famílias, pelas organizações e pelo governo.

No diagrama circular em que os bens são trocados por moedas e estas vão para as mãos dos detentores dos recursos de produção, capital e mão de obra, entendemos que a circulação de mercadorias e remunerações funciona em um circuito fechado, sem fontes ou sumidouros. Isto permite que estabeleçamos igualdades **tautológicas*** entre o produto e a renda que os detentores de recursos recebem e suas despesas. Ou seja, o produto é necessariamente igual à renda que é igual à despesa em uma economia que é modelada segundo um diagrama circular. Denotamos qualquer um deles, indistintamente por Y .

***Tautológico** – palavras diferentes que expressam uma mesma ideia.
Fonte: Houaiss (2009).

Os bens que são produzidos em uma sociedade podem ser classificados em três grandes categorias: aqueles relativos ao consumo das famílias, aqueles destinados ao investimento por parte das famílias e das organizações e, finalmente, os gastos de governo. Expressamos a demanda por meio de uma fórmula que engloba este três aspectos, fórmula esta que também expressa a despesa total e o produto da economia. A demanda, a despesa e o produto tautologicamente unidos de forma conceitual, são expressos por:

$$Y = C + I + G$$

Em que C representa o consumo das famílias, I o investimento das famílias e das organizações e G os gastos de governo (incluindo, por convenção, os gastos de consumo e de investimento).

É importante relembrarmos que o consumo das organizações não é levado em consideração, pois este é feito para produzir os bens que são finalmente levados ao mercado para serem consumidos pelas famílias e pelo governo. Só os produtos finais colocados neste mercado são levados em consideração. O consumo intermediário das organizações não é levado em conta no diagrama circular da economia e, portanto, também não é incluído nesta categorização de demanda.

EXPLORANDO CONJUNTAMENTE AS CURVAS DE OFERTA E DEMANDA AGREGADAS

Conhecidas as curvas de oferta e demanda agregadas e entendidas as suas formas e declividades, podemos juntá-las em uma análise buscando um ponto de equilíbrio. Para tanto, vamos revisar os modelos adotados para estas duas curvas.

Para a curva de oferta só temos modelos gráficos já que o seu equacionamento vai ser feito apenas na Unidade 5 quando tratarmos das ligações entre preços e produtos, via discussão da inflação. Para a curva de demanda, ela já vem sendo e ainda será repetida em várias partes deste livro, como na Unidade 2 sobre a Contabilidade Nacional, em que aparece nas contas de produto e de renda. Nesta Unidade 3, resumimos toda a nossa discussão conceitual sobre os determinantes da demanda na seção anterior. Finalmente, na Unidade seguinte, faremos um desdobramento da curva de demanda aproximando-a da curva *investments-savings* (IS), investimentos e poupanças.

Este ponto de equilíbrio revela dois elementos fundamentais para a economia, como era o caso das curvas de oferta e demanda

da Microeconomia: quais as quantidades produzidas e quais os preços praticados no mercado. Além do estabelecimento destas variáveis fundamentais, a análise OA-DA (Oferta Agregada – Demanda Agregada) é utilizada para analisarmos o que acontece com as alterações na demanda e na oferta.

Os economistas chamam a isto de choques de demanda e de oferta. A palavra tem um apelo popular, significando que existem modificações repentinas na economia dadas de maneira natural ou provocadas pelos gestores da política econômica. É claro que a economia poderia mover-se lentamente, com modificações sutis na oferta e na demanda. Porém, a análise seria a mesma que efetuaremos a seguir, talvez necessitando de um ponto com escalas em tamanho maior para percebermos as pequenas modificações em torno do equilíbrio no longo prazo. Observe na Figura 9.

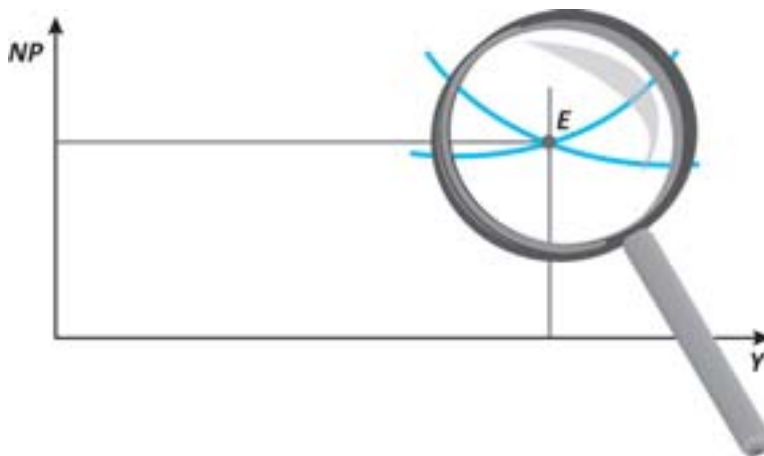


Figura 9: Uma análise para curvas de oferta e demanda agregadas em torno do ponto de equilíbrio (E)

Fonte: Elaborada pelo autor

De qualquer maneira, os choques fazem com que didaticamente utilizemos grandes deslocamentos das curvas de oferta e demanda que não espelham necessariamente o que normalmente ocorre na economia, que se move menos abruptamente. É bom lembrarmos que as análises que aqui fazemos de maneira gráfica também podem ser feitas de maneira numérica,

utilizando equações para as curvas de oferta e demanda. Nestes casos, é mais fácil demonstrarmos por meio de números os efeitos que ocorrem dos deslocamentos das curvas, por menores que estes sejam.

Os choques são normalmente identificados pelos fatores que os dispararam inicialmente, sejam fatores do lado da demanda ou da oferta. Com o passar do tempo, a economia vai se ajustando aos choques, buscando um novo equilíbrio por intermédio de modificações tanto na demanda quanto na oferta. Aqui, o que nos interessa é o impulso inicial. Mesmo nas hipóteses mais otimistas, de ajustamento rápido da economia, os choques levam **meses** para serem absorvidos.

Em uma visão de preços rígidos, como a dos keynesianos, o tempo é medido em décadas.

Algumas evidências empíricas mostraram que a economia americana, por exemplo, é capaz de se ajustar depois de algum tempo considerável – algo entre quatro e seis anos. Isto é considerado um bom resultado diante das previsões de ajuste de longo prazo muito mais dilatadas feitas pelos keynesianos. Estes afirmavam que o prazo de ajuste seria maior se fosse permitido à economia seguir o seu próprio curso, sem a intervenção por parte dos condutores da política econômica. Esta redução de prazos, de década para **lustro***, é tomada como um exemplo da eficácia de intervenções econômicas por parte das autoridades no curso natural da economia.

*Lustro – período de cinco anos; quinquênio.
Fonte: Houaiss (2009).

Os choques de demanda são mais frequentes do que os choques de oferta, mas estes últimos são mais difíceis de serem dominados. Como veremos na Unidade 6, os choques são administrados por meio de políticas econômicas. Em geral, a volta ao equilíbrio é possível por meio do uso combinado de políticas monetárias e fiscais, com maior ênfase sobre as primeiras. Estas são mais fáceis de usar, pois possuem efeitos mais rápidos sobre a economia e com um alcance bem mais disseminado do que as políticas fiscais.

Choques de demanda

Uma retração da demanda – deslocamento da curva de demanda para baixo e para a esquerda – significa que a um mesmo

nível geral de preços são demandados menos bens e serviços. É o que acontece se as pessoas não estiverem otimistas em relação à economia e refrearem seus impulsos de consumo. Isto causa uma diminuição do produto e do nível geral de preços, observe a Figura 10.

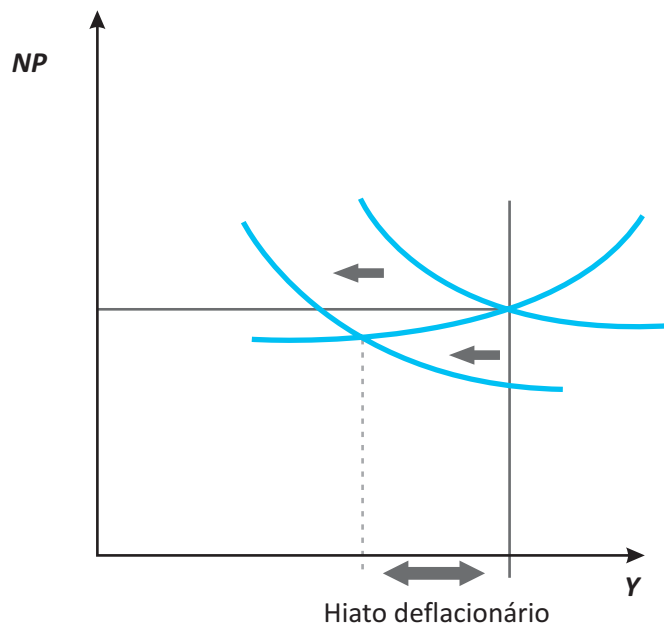


Figura 10: Hiato deflacionário com a diminuição na demanda agregada
Fonte: Elaborada pelo autor

Note que esta situação é ruim, mas não péssima: trata-se de uma recessão em que preços e quantidades diminuem. Temos na Figura 10 um hiato deflacionário, ou seja, o produto poderia ser maior (até chegar ao produto de pleno emprego), mas não há pressão sobre os preços dos recursos de produção. Em particular, para a mão de obra há potencialmente desemprego e são reduzidas as eventuais pressões sobre salários. Em princípio, o custo de vida diminui gerando um efeito riqueza nas pessoas. Apesar de ninguém querer conviver com uma recessão, para os que estão empregados com salários elevados (digamos fixos no curto prazo), a vida se torna mais barata.

Uma segunda análise possível ocorre quando da expansão da economia pelo deslocamento da curva de demanda, em que o

ponto de equilíbrio se daria com um nível geral de preços maior e um produto maior. Bom, mas não excelente. Pois, ao mesmo tempo que mais pessoas encontram empregos mais caminhamos em direção às pressões inflacionárias. Se a economia ultrapassar o produto de pleno emprego, teremos um hiato inflacionário. O aumento de demanda não aumenta o produto, mas simplesmente altera o nível geral de preços, veja na Figura 11. Isto não é desejável porque a inflação causa inquietudes na economia, como veremos na Unidade 5.

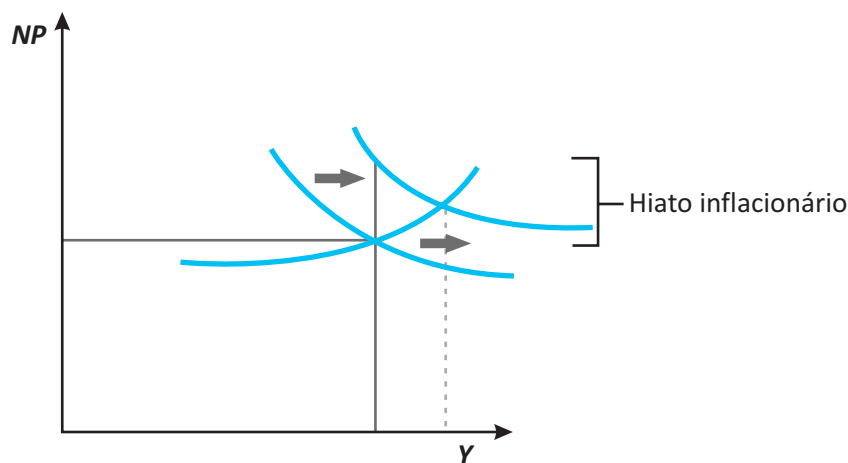


Figura 11: Hiato inflacionário com aumento na demanda agregada
Fonte: Elaborada pelo autor

Choques de oferta

Antes da teoria de Keynes a principal preocupação dos economistas quanto às oscilações no curto prazo relacionava-se aos choques de oferta. Estes ocorriam devido às ações de ordem natural, como quebra de safras agrícolas, inundações e dificuldades de fornecimento de matérias-primas em razão de esforços de guerra. Pelo lado positivo, existiam choques de oferta devido às novas descobertas científicas, como o aumento de produtividade dos trabalhadores e a incorporação de grandes contingentes de mão de obra vindos do campo.

Keynes representou uma mudança de paradigma, aconselhando os economistas a olharem e se utilizarem de choques

de demanda na economia para corrigirem suas dificuldades. Estes choques estavam ao seu alcance, enquanto os choques de oferta dependiam de variáveis políticas e naturais. Isto permanece até hoje, o que faz com que seja mais difícil lidarmos com os choques de oferta do que com os choques de demanda.

A Figura 12 ilustra um choque de oferta negativo, com o recuo para cima e para esquerda da curva de oferta.

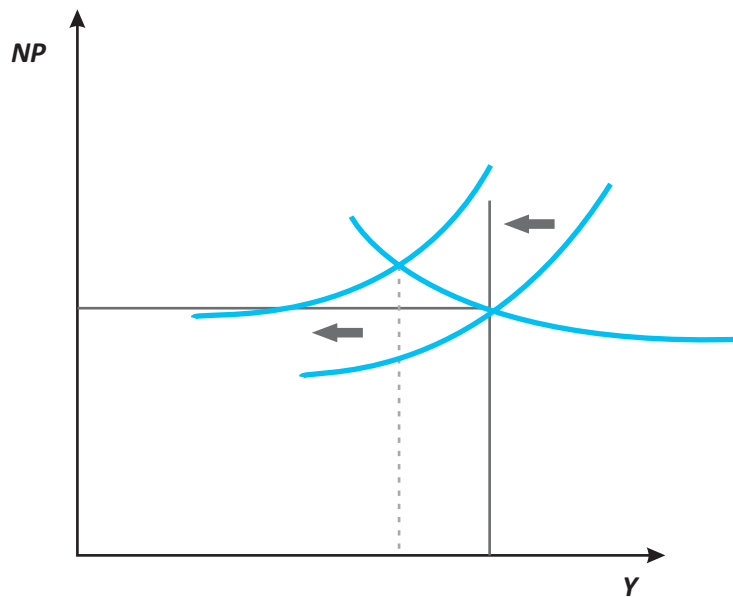


Figura 12: Diminuição do produto com uma redução na curva de oferta
Fonte: Elaborada pelo autor

Com base na Figura 12 temos uma retração da oferta dada pelo deslocamento da curva de oferta para cima e para a esquerda. Para um mesmo nível geral de preços, a quantidade que as organizações desejam oferecer é menor, pois não vale a pena elas produzirem tanto porque os custos dos insumos estão maiores pelo choque de oferta. É o caso, por exemplo, do aumento do custo de matérias-primas por alguma restrição na sua disponibilidade. Para uma mesma curva de demanda agregada, as **quantidades diminuem e os preços aumentam**. Esta situação de diminuição de produto e aumento de preço é chamada de estagflação, ou seja, estagnação com inflação, ou, ainda, recessão com inflação.

Situação péssima. É tudo o que a economia não quer visto que a sociedade é movida pelo aumento de quantidades e a diminuição de preços.

Uma alternativa seria fazermos com que a curva de oferta voltasse ao original por meio de uma melhor utilização dos recursos ou por um aumento na produtividade de sua utilização. Formalmente, podemos considerar que estas modificações pertencem ao desenvolvimento econômico no longuíssimo prazo. E, mesmo que seja possível, por exemplo, eliminarmos tecnicamente os desperdícios na utilização de recursos para que esta atitude gerencial impregne uma parte substancial da sociedade, serão necessários muitos anos para determinar modificações culturais na maneira de operar as organizações. A solução, neste caso, pode ser difícil e cara, porém, se pensada no curto prazo, deve aumentar a demanda para fazer com que o produto volte à situação anterior. Isto só seria possível por meio de um aumento ainda maior do nível geral de preços, ou seja, a inflação. A solução normalmente utilizada é a diminuição da demanda para fazer com que os preços voltem a situação anterior, com uma diminuição de oferta ainda maior.

De certa maneira, trata-se da escolha entre inflação e recessão, que abordaremos na Unidade 5. Contudo, ao termos que optar por um destes dois males, podemos identificar que a inflação é o mal maior que introduz instabilidade nas regras do jogo da economia, enquanto que a recessão está associada ao desemprego. As sociedades modernas consideram que conseguem conviver com este problema social, o limite na taxa de desemprego, por meio de políticas compensatórias como o auxílio desemprego.

Podemos imaginar também um choque de oferta positivo com a mesma quantidade de recursos, os mesmos preços, em que podemos produzir mais em relação à curva de oferta anterior. É o que acontece, por exemplo, com a abundância de matérias-primas devido às safras boas ou com a disponibilidade de recursos devido à descoberta de novas minas ou reservas de petróleo, ou, ainda, mais modernamente, com o aumento da produtividade devido à informática.

Você seria capaz de desenhar um gráfico que ilustrasse esta situação de aumento do produto com redução do nível geral de preços? Vamos lá, tente!

Vamos refletir sobre o gráfico que você desenhou? Note que o aumento de produto chegou a ultrapassar a reta vertical que assinala o produto potencial de longo prazo e isto só pode ocorrer circunstancialmente. No longo prazo a economia deve voltar para uma situação em que o produto é limitado pelo produto natural da economia.

Refleta um pouco mais: é fácil pensarmos em choques de oferta negativos, como os que ocorrem subitamente por quebras de safra ou guerras que impedem o fornecimento de matérias-primas. É um pouco mais complicado pensarmos em termos de choques de oferta positivos, como os ocasionados pela súbita abundância de matérias-primas e a sua redução de preços. As reduções nos preços dos insumos devem ser gerais, não sendo atribuídas circunstancialmente a um ou outro insumo que encontrou uma situação favorável. Novamente, estas mudanças globais na maneira de produzir conhecidas como mudanças no paradigma de produção, só são materializáveis para a sociedade no longuíssimo prazo, apesar de que a tecnologia possa estar disponível e em operação em pequena escala. Como estamos falando da economia de forma geral, as mudanças devem afetar uma proporção significativa desta para que possam existir reflexos nos gráficos de equilíbrio. Os choques de oferta no curto prazo são mais difíceis de exemplificarmos: em vez de choques é mais fácil pensarmos na evolução gradativa das condições de oferta que são características das situações no longo e longuíssimo prazos.

O RETORNO AO PONTO DE EQUILÍBRIO: UMA ANÁLISE DO LONGO PRAZO

Visto como ocorrem os equilíbrios no curto prazo, falta-nos avaliar como a economia tende a um equilíbrio no longo prazo. Por isso, agora é necessário juntarmos a curva de oferta vertical de

longo prazo aos gráficos anteriores. Vejamos uma situação de equilíbrio no longo e curto prazos que é perturbada por uma diminuição da demanda agregada, o novo equilíbrio de curto prazo determina quantidades e preços menores, ou seja, uma recessão. Isto faz com que os recursos produtivos reduzam seus preços ao longo do tempo encontrando um novo ponto de equilíbrio junto à curva de oferta no longo prazo, porém agora a um nível de preços ainda mais baixo. É uma situação de equilíbrio interessante que continua com o mesmo produto (aquele do pleno emprego), mas com preços menores. A Figura 13 ilustra o movimento em direção ao novo ponto de equilíbrio, o ponto (E1).

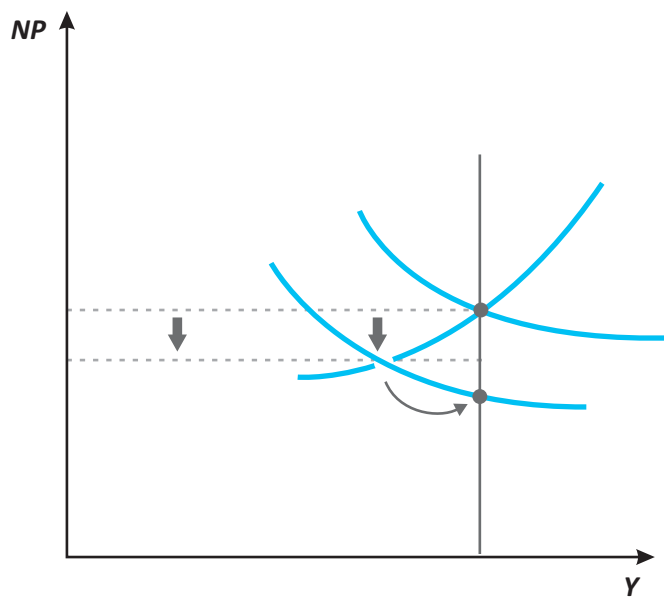


Figura 13: Novo ponto de equilíbrio com a diminuição da demanda e consequente ajuste pela diminuição dos custos de produção no longo prazo

Fonte: Elaborada pelo autor

Se a demanda aumentar, no curto prazo teremos um aumento de nível geral de preços, o que viabiliza que se pague a mais pelos recursos produtivos que agora estão trabalhando acima de sua capacidade. Isto faz com que no longo prazo seus preços aumentem, por exemplo, pela reivindicação de maiores salários fazendo com que a curva de oferta desloque-se para cima até

encontrar o novo ponto de equilíbrio (E2). É o que representamos na Figura 14. Poderíamos dizer que esta modificação na sociedade foi inócua: o resultado final foi o mesmo produto (aquele de pleno emprego) mas com um nível geral de preços maior. Ninguém ganhou nada, pois houve um aumento do nível geral de preços (inflação), mas que foi incorporado também pelos detentores dos meios de produção que passaram a ganhar mais nominalmente (não em termos reais).

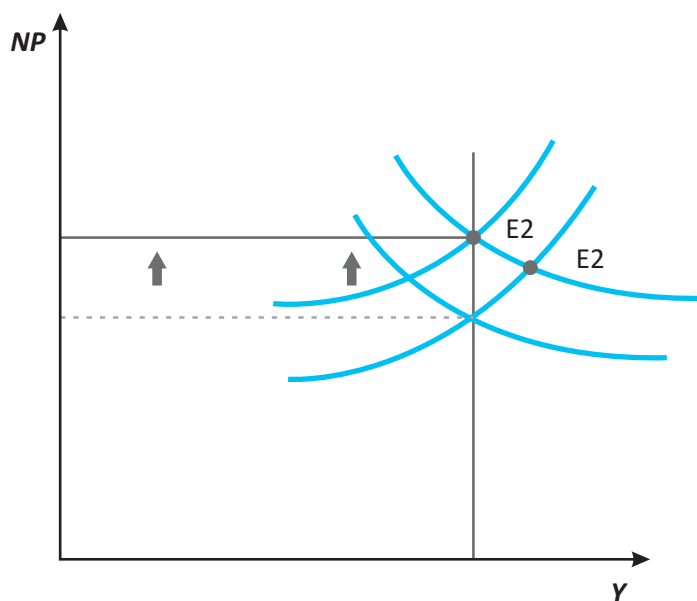


Figura 14: Deslocamento do ponto de equilíbrio por um aumento da demanda agregada com conseqüente ajuste pelo aumento dos custos de produção no longo prazo
Fonte: Elaborada pelo autor

Em uma redução da oferta, por meio do deslocamento da curva de oferta no curto prazo para cima e para a esquerda, o equilíbrio se dá com um produto menor do que o de pleno emprego. Os recursos de produção podem eventualmente diminuir seus preços e a curva de oferta voltar a sua posição original. Do curto para o longo prazo a economia volta ao seu ponto de origem (E0), mas tendo infligido aos cidadãos um período de ajuste que combinou preços mais altos e desemprego, como podemos evidenciar na Figura 15.

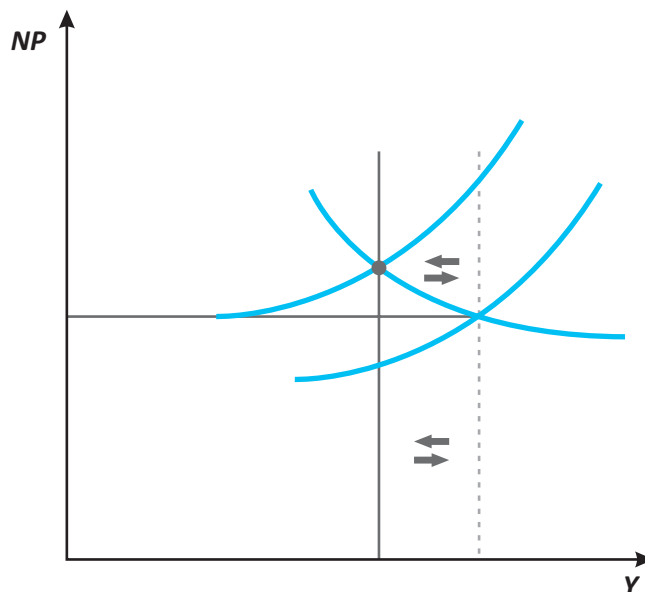


Figura 15: Deslocamento do ponto de equilíbrio por meio de uma redução da curva de oferta e consequente redução dos custos de produção no longo prazo com a volta ao ponto de equilíbrio original

Fonte: Elaborada pelo autor

Finalmente, se houver um aumento da oferta, ou seja, um deslocamento da oferta para baixo e para a direita, o equilíbrio no curto prazo se dará no melhor dos mundos, com quantidades maiores e preços menores. No entanto, a situação é insustentável no longo prazo, fazendo com que a curva de oferta retorne a sua posição original e ao mesmo ponto de equilíbrio de antes. Se fosse possível causar choques positivos de oferta temporários, parece que teríamos um período de ajuste interessante no caminho do curto prazo ao longo prazo. Poderiam ocorrer preços menores com uma produção maior, todo mundo trabalharia mais, além de sua capacidade e com maior quantidade de bens para serem adquiridos.

Como argumentamos antes, infelizmente este ajuste fino da economia por meio de um choque positivo de oferta não é possível de forma corriqueira, podendo eventualmente ocorrer por acidente, por sorte. A história da economia e das flutuações do ciclo econômico está muito mais associada a choques de demanda do

que de oferta. E ainda mais em relação aos choques de oferta, em que são mais fáceis de serem exemplificados os choques de oferta negativa do que os choques de oferta positiva, que podem ocorrer no curto prazo.

De qualquer maneira, nos resta o consolo de que o possível ajuste, quando de um choque positivo de oferta, se dará no longuíssimo prazo. Este ajuste será o responsável pelo progresso humano, antes até da evidência de que o planeta não poderá continuar utilizando seus recursos na intensidade que o faz hoje. Por razões de sustentabilidade ecológica, poderíamos dizer que no longuíssimo prazo, para a maioria dos países, os seres humanos estão condenados ao progresso. Este progresso se resume a menores preços e maiores quantidades.

Resumindo



Nesta Unidade, descrevemos os condicionantes da oferta e da demanda agregadas, considerando o princípio da Macroeconomia que, por definição, é o estudo em escala global de fatos da economia.

Discutimos também sobre as formas das curvas de oferta e demanda agregadas, os seus deslocamentos e as movimentações que podem ocorrer ao longo de curvas específicas. Vimos graficamente como é possível expressar os choques positivos e negativos de demanda e de oferta.

Como ênfase, na economia em equilíbrio ou em sua busca, em que a demanda agregada é igual à oferta agregada, estudamos o modelo de equilíbrio geral OA-DA (Oferta Agregada – Demanda Agregada).



Atividades de Aprendizagem

É muito importante que você tenha compreendido como funcionam os condicionantes da oferta e da demanda agregadas, para entender como eles podem intervir na economia. Caso tenha ficado com dúvidas, não hesite em conversar com o seu tutor.

1. Discuta as possíveis formas das curvas de oferta (retas horizontais, curvas ascendentes e retas verticais).
2. Argumente sobre a necessidade de fazermos considerações no curto e longo prazos para entendermos as curvas de oferta agregada, enquanto que para as curvas de demanda agregada estas considerações não são relevantes.
3. O fato de a curva de demanda agregada ser negativamente inclinada é decorrente da mesma razão de as curvas de demanda na Microeconomia também serem negativamente inclinadas?
4. Desenhe uma situação de equilíbrio de curto prazo diante de um choque simultâneo afetando positivamente a demanda e negativamente a oferta. Quais são as consequências em termos de preços e quantidades praticados na sociedade?